



ARTIGOS - ARTICLES

Darwin no Brasil: História Natural e escravidão

Marcos Ferreira Josephino

Mestre em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade

UERJ

ferreirajosephinomarcos@yahoo.com.br

Resumo: Assim como dezenas de outros viajantes, Charles Darwin esteve no Brasil. Ao mesmo tempo em que ficou encantado com a fauna e a flora brasileira, Darwin ficou chocado com a maneira como os africanos escravizados eram tratados, a ponto de escrever em seu diário, quando partia do Brasil, que esperaria jamais colocar novamente os pés em um país escravista. O objetivo deste presente artigo é mostrar o lado humano deste cientista, sua opinião e relatos por ele deixado sobre um sistema cruel que esteve presente durante três séculos em nosso país.

Palavras-chave: Charles Darwin; diários de viagem; escravidão.

Darwin in Brazil: Natural History and Slavery

Abstract: Like dozens of other travelers, Charles Darwin was in Brazil. While he was delighted with the Brazilian fauna and flora, Darwin was shocked at the way enslaved Africans were treated to the point of writing in his diary, when he left Brazil, that he would hope never to set foot in a slave country again. The aim of this article is to show the human side of this scientist, his opinion and reports he left about a cruel system that has been present for three centuries in our country.

Keywords: Charles Darwin; travel diaries; slavery.

Introdução

Em 12 de fevereiro de 2009 comemorou-se o ano do bicentenário do nascimento de Charles Darwin. Ano em que também se comemorou – no dia 24 de novembro - os 150 anos da publicação de *A origem das espécies*, obra que revolucionou as ciências biológicas.

A teoria evolutiva darwiniana tornou-se a base da biologia, de tal forma que, não há nenhum ramo desta ciência onde esta teoria não se faça presente. Assim, já dizia o biólogo geneticista Theodosius Dobzhansky (1900 - 1975) em sua famosa frase:” Nada na Biologia faz sentido exceto à luz da evolução.”

Entre 1831 e 1836, com apenas 22 anos, Charles Darwin viajou como naturalista ao redor do mundo a bordo do navio Beagle. Embora a presença de Darwin fosse apenas o de fazer companhia ao capitão, Robert Fitzroy, tal viagem teve importante papel no desenvolvimento de sua teoria. Assim como dezenas de outros viajantes, Darwin passou pelo Brasil (em 1832). Ao mesmo tempo em que ficou encantado com a fauna e a flora brasileira, Darwin ficou chocado com a maneira como os africanos escravizados eram tratados, a ponto de escrever em seu diário, quando partia do Brasil, que esperaria jamais colocar novamente os pés em um país escravista.

O objetivo deste artigo é justamente o de investigar a maneira como Charles Darwin foi impactado de forma negativa pela escravidão em terras brasileiras.

O texto foi dividido em três partes. A impressão que o sistema escravista causou em Darwin e nos demais viajantes europeus que por aqui passaram podem ser constatados ao se analisar os relatos que estes viajantes deixaram em seus diários. A importância dessas fontes, sem deixar de lado o senso crítico ao se levar em consideração o olhar do europeu, é o tema tratado na primeira parte.

Na segunda parte é discutido o contexto histórico do Brasil referente ao período em que Charles Darwin aqui chegou, bem como o sistema escravista. Apesar de Rui Barbosa ter ordenado a queima dos arquivos referentes à escravidão, tendo como justificativa apagar esta terrível lembrança da nossa história, ainda é possível encontrar vários documentos e arquivos que permitem trazer à memória um passado vergonhoso que não pode ser esquecido como se nunca tivesse ocorrido. Passado este que deixou marcas ainda atualmente quando pegamos como exemplos o racismo e a intolerância às religiões de matrizes africanas.

Finalmente, a terceira parte trata da vida de Charles Darwin – do seu nascimento à chegada em terras brasileiras -, bem como do impacto negativo que o sistema escravista lhe causou.

A relevância deste presente artigo é justamente o de mostrar o lado humano deste cientista, sua opinião e relatos por ele deixado sobre um sistema cruel que esteve presente durante três séculos em nosso país.

O Brasil dos viajantes

O relato abaixo, de uma cena presenciada em 28 de setembro de 1821, no Recife (Brasil), encontra-se no diário da inglesa Maria Graham.

Esta manhã, antes do café, olhando pela janela da casa do Sr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes um demônio, surrando uma pobre negra e torcendo seus braços cruelmente enquanto a pobre criatura gritava angustiadamente, até que nossos homens interferiram. Bom Deus! Como pode existir este tráfico e estes hábitos de escravidão! Perto da casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. Em um vi uma criança de cerca de dois anos à venda. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso estas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que eles raramente recebem suficientemente. Agora, o dinheiro também está tão escasso que não se encontra com facilidade um comprador. Mais uma angústia se acrescenta à escravidão: o desejo vão de encontrar um senhor! Vintenas dessas pobres criaturas são vistas em diferentes cantos das ruas com todos os sinais de desespero – E se uma criança tenta arrastar-se por entre eles, em busca de um divertimento infantil, a única simpatia que ele pode provocar é um olhar de piedade. Estarão errados os patriotas? Eles puseram armas nas mãos dos novos negros, enquanto as lembranças da pátria, do navio negreiro e do mercado de escravos, lhes estão frescas na memória. (GRAHAM, 1990, pp. 136-137)

Maria Graham chegou ao Brasil com o marido Thomas Graham em 1821 a bordo da fragata Doris. Visitou Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Regressa à Inglaterra em 1823, mas em 1824, volta ao Rio de Janeiro, a convite do imperador D. Pedro I, tendo a missão de ser a preceptora da princesa Maria da Glória, onde permaneceu por mais de um ano.

Em 1824, Maria Graham publicou, em Londres, o livro *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Part of the years 1821, 1822, 1823*. Obra esta, traduzida como *Diário da uma viagem ao Brasil* e que constitui uma importante fonte para os interessados em pesquisar o Brasil da primeira metade do século XIX, tendo como contexto o cotidiano da corte sob o governo de D. Pedro I e a escravidão urbana (VAINFAS, 2008, pp. 521-522).

Além de Graham, entre os séculos XVI e XIX, vários viajantes europeus estiveram no Brasil: naturalistas (Charles Darwin, Alfred Russel Wallace, Louis Agassiz, Auguste de Saint-Hilaire, Spix e Martius), missionários protestantes (Daniel Kidder), capelães (Robert Walsh), comerciantes (John Luccock), pintores (Thomas Ender, Nicolas Antoine Taunay, Debret, Rugendas, Jacques Victor Arago, Eduard Hildebrandt, Albert Eckhout, Frans Post, Augustus Earle), fotógrafos (Christiano Jr.).

Os relatos deixados por estes viajantes, tornaram-se fontes que, nas mãos do historiador/pesquisador, permitem que – com um olhar crítico – seja possível construir um

conhecimento historiográfico deste período. Esse conjunto de crônicas/relatos descrevendo os aspectos do Brasil, sua gente, usos e costumes compõem o que se denomina **diários de viagem** ou **literatura de viagem**. Sobre esses viajantes e o valor dos diários de viagem para o pesquisador, assim escreve Ana Carolina Viotti:

São eles os responsáveis por dar as cores da dinâmica das cidades e fazendas visitadas, cores do Brasil que se fez visto na Europa, uma imagem e um vocábulo do Novo Mundo que circulou no “Velho”, de onde não escapa o contingente de negros avistados nas roças e cidades. Esses estrangeiros põem em tinta sobre papel impressões de um quadro, muitas vezes, estranho a seus referentes pátrios, o que torna seus olhares e julgamentos particularmente interessantes. Muitos desses forasteiros não viam os escravos como um elemento insignificante, mas sim, digno de nota [...]. Nessas amplas descrições alguns aspectos são mais frequentes: vestimentas, moradia, alimentação, doenças, traços físicos – elementos que de forma direta ou não, versavam sobre o cuidado com o corpo, tópico em que muitas prescrições e expectativas se inscrevem, um registro de práticas compartilhadas por essa sociedade. (VIOTTI, 2019, p. 32)

Além disso, estando esses viajantes em um país escravista, é possível encontrar em suas anotações, alguns registros sobre este sistema e o dia a dia dos cativos (tipos de vestimentas, alimentação, ofícios, castigos corporais), o número de escravizados que chegavam nos navios negreiros e as condições em que viajavam nessas embarcações, o mercado de escravizados e o preço que se pagava por um cativo, as irmandades e algumas práticas, como a capoeira, os calundus, lundus, batuques, bem como as cerimônias de enterro.

Sobre esse “olhar” do europeu, Valéria Lima levanta uma característica que deve ser levada em consideração:

Na verdade, o termo “viajante” abriga [...] uma significativa variedade de sentidos: explorador, naturalista, cientista, topógrafo, filósofo, historiador, até mesmo artista e escritor. As atividades e os olhares específicos a cada uma dessas ocupações revelam diferentes formas de registros das experiências pelas quais passaram aqueles que viajavam. (LIMA, 2007, p. 175)

Como já foi aqui colocado, o estudo dessas fontes deve vir acompanhado do olhar crítico do pesquisador, diante de valores racistas ou marcados de preconceitos à cultura do outro. Como exemplo, podemos citar dois ilustres cavalheiros que estiveram em território brasileiro no século XIX e apregoavam que a mestiçagem debilitava a raça, sendo, portanto, a verdadeira causa da “inferioridade” do povo brasileiro. Estamos falando do Conde de Gobineau e de Louis Agassiz¹.

¹ Para mais detalhes, ver RAEDERS, 1988 e MACHADO, 2007.

A transferência da corte portuguesa ao Brasil em 1808 e a abertura dos portos às nações amigas, revogou a proibição da entrada de estrangeiros no país. Embora, desde o século XVI, os relatos de viagem divulguem a imagem do Brasil para o público estrangeiro, a literatura de viagem sobre este vasto território, conhece uma enorme expansão ao longo do século XIX, ainda que, estivesse voltada predominantemente para a descrição da fauna e da flora (PICCOLI, 2009, pp. 59-62).

Por manter suas fronteiras fechadas até 1808, o Brasil era visto pelos naturalistas como uma fonte inesgotável de espécies desconhecidas a serem coletadas, classificadas e catalogadas em determinados sistemas taxonômicos da fauna e da flora universal (LISBOA, 1997, p. 69). Sobre este fantástico cenário, assim escreve Lília Moritz Schwarcz:

O Brasil era, para esses viajantes, ao mesmo tempo um velho conhecido e um grande desconhecido. Era o país da flora exuberante e da enorme fauna; mas também quase um continente misterioso, caracterizado por gentes de hábitos estranhos. [...] este era o país mais “exótico” do continente – com seus indígenas, africanos, mosquitos, serpentes e uma natureza em tudo singular. Era ainda, e paradoxalmente, o mais “civilizado”: uma monarquia Bourbon e Bragança cercada de repúblicas por todos os lados. O Brasil era, sobretudo, um imenso território virgem, que resumia e reunia riquezas dispersas por toda a América. (SCHWARCZ, 2008, p. 13)

Diante disto, é possível constatar que o Brasil é um país exposto a múltiplos olhares. Um país de vasta riqueza natural e de exuberante beleza geográfica que encanta botânicos, zoólogos e artistas, mas que, ao mesmo tempo, alimenta um vergonhoso e atrasado sistema escravista. País este, onde Charles Darwin chegaria em 1832.

2- O Brasil escravista

Faz parte do senso comum enxergar o escravizado como um mero objeto a serviço do seu senhor. Mas, segundo Claude Meillassoux, esta é uma visão simplista da escravidão e do escravizado.

Em termos de direito, o escravo é descrito como um objeto de propriedade, logo alienável e submetido ao seu proprietário. Mas na perspectiva de sua exploração, a comparação de um ser humano a um objeto, ou mesmo a um animal, é uma ficção contraditória e insustentável. Se, na prática, o escravo fosse tratado como tal, a escravidão não teria nenhuma superioridade sobre o uso de instrumentos materiais ou sobre a criação de gado. Na prática, os escravos não são utilizados como objetos ou animais, aos quais essa ficção ideológica tenta rebaixá-los. Em todas as suas tarefas – até no transporte de cargas – apela-se à sua razão, por pouca que seja, e sua produtividade ou utilidade aumenta na

proporção desse apelo à sua inteligência. Uma boa gestão do escravo implica o reconhecimento, em diversos graus, das suas capacidades de *Homo sapiens*, e conseqüentemente uma tendência constante para as noções de obediência, de dever, que o tornam indiscernível, em direito estrito, de outras categorias de dependentes. (MEILLASSOUX, 1995, p. 9)

De acordo com Fiabani, uma sociedade pode ser classificada como escravista “quando o trabalhador escravizado é considerado uma mercadoria; quando seu proprietário pode decidir onde, como e quando empregar seu trabalho; quando, ao menos em teoria, a totalidade do produto do trabalho do cativo pertence ao amo.” (FIABANI, 2005, p. 15)

Jaime Pinsky afirma que a escravidão no Brasil decorre da chegada dos portugueses. Antes disso, não há registro de relações escravistas de produção entre os indígenas (PINSKY, 2009, p. 12).

O escravismo moderno, também chamado de escravismo colonial, era um “modo de produção que surgiu com o mercantilismo e a expansão do capitalismo, sendo um dos elementos constituintes básicos da acumulação primitiva de capital.” No contexto do Brasil colonial, com o estabelecimento dos engenhos açucareiros, a escravidão mista – de índios e negros que trabalham em conjunto nas fazendas – foi bastante empregada. Apesar de não se submeterem a regulamentos rígidos enquanto trabalhavam apenas ao lado dos seus semelhantes, os indígenas logo se submeteram ao mesmo sistema de mão de obra ao serem colocados para trabalharem junto a africanos escravizados, os quais observavam horários regulares para o início e o término dos serviços (MOURA, 2013, p. 149).

De acordo com Monteiro (MONTEIRO, 2009, pp. 209-210), a partir da segunda metade do século XVII, a aquisição de escravizados indígenas através do apresamento tornou-se difícil, por vários motivos: além do declínio da população indígena e sua crescente resistência, as expedições bandeirantes passaram a enfrentar regiões pouco conhecidas e distantes. Outro fator que resultou na crise da escravidão indígena, foi a corrida para as minas Gerais em busca de ouro. Por outro lado, como afirma Armelle Enders (ENDERS, 2012), a expansão da economia açucareira resultou em uma demanda crescente de mão de obra. Os fazendeiros passaram a considerar os africanos mais fortes e mais produtivos que os índios – chegando a valer em média três vezes mais do que um escravizado indígena -, sendo, portanto, um bom investimento.

Stuart B. Schwartz também faz referência ao fato de os africanos serem “provenientes de sociedades habituadas a atividades qualificadas” (pecuária, sistemas agrícolas complexos, metalurgia), tornando menos trabalhosa a tarefa de treiná-los para o processo de fabricação de açúcar nos engenhos (SCHWARTZ, 2019, p. 219).

Um outro fator, que não pode ser desconsiderado, é apontado por Luiz Felipe de Alencastro. Ao contrário dos índios, cuja vulnerabilidade às doenças microbianas trazidas pelos europeus resultava em grande mortandade entre os nativos, os africanos apresentavam imunidade contra tais epidemias (ALENCASTRO, 2000, p. 39).

Finalmente, além dos fatores expostos acima, o comércio de escravos africanos para o Brasil era de grande interesse da Coroa e dos comerciantes europeus.

Depois de serem capturados na África e sofrerem uma exaustiva viagem oceânica de mais de 1500 quilômetros em embarcações chamadas de “túmulos flutuantes” ou “tumbeiros” – devido ao grande número de africanos mortos durante a travessia -, os cativos sobreviventes que chegavam ao Rio de Janeiro, eram desembarcados no cais do Valongo e depositados em armazéns situados na mesma região, onde funcionava o maior mercado de escravizados do país, também conhecido como mercado do Valongo.

É através do relato de alguns viajantes, que aqui estiveram no século XIX, que temos informações deste infame mercado:

No Rio de Janeiro, a rua onde os escravos são vendidos chama-se Valongo e oferece um espetáculo interessante ao estrangeiro. Quase todas as casas aqui têm nos baixos um compartimento espaçoso onde em geral várias centenas de pessoas podem ser alojadas e para aí conduzem-se os escravos. Um lenço de cor ou um pedaço de pano de lã que esconde os órgãos que não devem ser vistos é todo o vestuário que possuem. Os cabelos encarapinhados são cortados por causa da higiene e, efetivamente, um negro assim, nu e que com a curiosidade do macaco tudo observa, parece muito mais próximo ao orangotango do que o europeu e acredito que assim seja. É uma sensação especial a que se apodera de quem pela primeira vez visita uma casa desses traficantes de carne humana, e é pena que tão poucos ali entrem sem outros sentimentos mais do que aqueles com que se entra numa feira de gado. Para rebaixar ainda mais a humanidade marcam-se os escravos na África quando são pagos os impostos da coroa. Essa marca é feita com ferro quente sobre a pele; vi várias moças nas quais tiveram a crueldade de pôr a marca no seio, ainda não formado. (FREIREYSS, 1982, p. 124)

Também nos relatos de Rugendas é possível encontrar descrições detalhadas deste mercado de seres humanos:

Da alfândega são os negros conduzidos para os mercados, verdadeiras cocheiras: aí ficam até encontrar comprador. A maioria dessas cocheiras de escravos se acha situado no bairro do Valongo, perto da praia. Para um europeu, o espetáculo é chocante e quase insuportável. Durante o dia inteiro esses miseráveis, homens, mulheres e crianças, se mantêm sentados ou deitados perto das paredes desses imensos edifícios e misturados uns aos outros; e fazendo bom tempo, saem à rua.

Seu aspecto tem algo horrível, principalmente quando ainda não se re-fizeram da travessia. O cheiro que se exala dessa multidão de negros é tão forte, tão desagradável, que se faz difícil permanecer na vizinhança quando ainda não se está acostumado. Os homens e as mulheres andam nus, com apenas um pequeno pedaço de pano grosseiro em volta das ancas. São alimentados com farinha de mandioca, feijão e carne-seca. Não lhe faltam frutas refrescantes. [...] Infelizmente, quando se vendem escravos, raramente se tomam em consideração os laços de parentesco. Arrancados a seus pais, a seus filhos, seus irmãos, esses infelizes explodem às vezes em gritos dolorosos [...]. (RUGENDAS, 1998, pp. 140-141)

No dia 1º de maio de 1823, Maria Graham também passou pelo mercado do Valongo e escreveu sobre a experiência em seu diário.

Vi hoje o Val Longo. É o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas desta longuíssima rua são depósitos de escravos. Passando pelas suas portas à noite, vi na maior parte delas bancos colados rente às paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com as cabeças raspadas, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares as pobres criaturas jazem sobre tapetes, evidentemente muito fracos para sentarem-se. Em uma casa as portas estavam fechadas até meia altura e um grupo de rapazes e moças, que não pareciam ter mais de quinze anos, e alguns muito menos, debruçavam-se sobre a meia porta e olhavam a rua com faces curiosas. [...] Dirigi-me a eles e olhei-os de perto, e ainda que mais disposta a chorar. Fiz um esforço para lhes sorrir com alegria e beijei minha mão para eles; com tudo isso pareceram eles encantados; pularam e dançaram, como que retribuindo as minhas cortesias. (GRAHAM, 1990, p. 274)

De acordo com Mary Karasch, o escravizado africano recém-chegado ao Brasil era chamado de “negro novo”, enquanto “boçal” se referia ao africano que ainda não aprendera a língua e os costumes portugueses ou brasileiros. Após adquirir tal aprendizado, o escravizado passava a ser chamado de “ladino” (KARASCH, 2000, p. 43). Segundo Kátia Mattoso, se a língua não apresentava problema ao escravizado crioulo, nascido e criado desde pequeno em contato com a língua dos senhores, cabia ao senhor, ao feitor e aos ladinos a tarefa de ensiná-la aos negros novos. Os senhores não exigiam que os escravizados falassem o português fluentemente. Conhecer o mínimo da língua, permitindo ao cativo executar as ordens do senhor já era o suficiente. Somente os escravizados domésticos, por estarem em contato constante com seus senhores, tornaram-se mais fluentes na língua (MATTOSO, 2003, pp. 112-113).

“Da perspectiva dos senhores de escravos do Rio de Janeiro, havia apenas um papel apropriado para os cativos: realizar todas as atividades manuais e servir de bestas de carga da cidade”. (KARASCH, 2000, p. 259)

Thomas Ewbank fica impressionado com o fato de os cativos exercerem a função de animais de tração ou carga, transportando pesados carregamentos pelas ruas do Rio de Janeiro.

Saí da longa avenida para a Rua Direita, não longe da Alfândega e onde os transeuntes têm de passar através de fardos, barris, pacotes, cestos, carros e negros que se agitam e suam. Aqui não temos carros puxados por quadrúpedes para o transporte de mercadorias. Os escravos são os animais de tração assim como de carga. As cargas que transportam e as ruas que atravessam são suficientes para matar mulas e cavalos. Antigamente poucos carros eram usados na Alfândega. [...] Agora são numerosos os carros de todos os tipos. Alguns, mais recentes, são de construção sólida e reforçados com ferro, como os carros de cervejeiros, aos quais se assemelham, supridos de cabrestantes na frente para erguer mercadorias pesadas. Cada um deles seria suficiente para a força de qualquer animal menor que um elefante; no entanto, cargas que variam de meia a uma tonelada são neles arrastadas pelos negros. Dois negros puxam na frente e um ou dois empurram por trás ou, o que é muito comum, caminham ao lado das rodas e puxam as travessas. É surpreendente como seus pés e suas pernas não são esmagados pelas rodas, principalmente os da frente, que não podem evitar que as rodas de vez em quando afundem nas valetas ou puxem violentamente os varais de um lado para outro. (EWBANK, 1976, pp. 93-94)

Robert Walsh, por sua vez, escreve sobre a falta de lógica pela preferência em se utilizar da mão-de-obra de escravizados em trabalhos braçais do que o emprego de bestas de carga nestas tarefas.

De fato, uma parte considerável da riqueza do Rio tem por base os escravos, os quais proporcionam a renda e o sustento de um vasto número de pessoas, que os alugam para os outros como se faz na Europa com os cavalos e burros. É essa uma das principais causas que impedem a adoção das máquinas que poderiam diminuir o trabalho braçal. É o que ocorre particularmente, no caso da alfândega. Foi importado da Europa um guindaste que possibilitava a apenas dois homens movimentarem pesos que exigiam o esforço de vinte; houve, porém, um violento e eficaz protesto contra a sua utilização, já que todos os funcionários da alfândega possuíam um certo número de escravos, até mesmo os mais humildes, que chegavam a ter cinco ou seis cada um, sendo que todos ganhavam dinheiro com o trabalho feito por eles. “Seria motivo de riso, se não fosse pelo pesar que nos causa” – disse Bonifácio de Andrada – “ver vinte escravos transportando até o mercado um saco de açúcar cada um, quando os vinte sacos poderiam ser levados de uma vez só numa carroça puxada por uma junta de bois ou um par de mulas”. (WALSH, 1985, p. 432)

Com relação aos serviços domésticos, estes também eram realizados por escravizados, e por isso mesmo, estes são denominados escravos domésticos. Embora, escravizados de ambos os sexos fossem empregados nas tarefas domésticas, havia uma predominância das mulheres (mucamas). Uma mucama quando gerava um bebê, poderia ser aproveitada por seus senhores como amas de leite (SOARES, 2007, p. 107 e 115).

No interior do Brasil, além de trabalharem nas lavouras de café, os escravizados também foram utilizados nos engenhos e nas minas.

Com relação aos castigos corporais, convém afirmar que, faziam parte do cotidiano escravista para não colocar em risco a autoridade senhorial. A tão conhecida frase de Antonil: “No Brasil, costumam dizer que para o escravo são necessários três PPP, a saber, pau, pano e pão”, faz referência à maneira lícita do senhor tratar os seus escravizados. Se o pão e o pano fazem referência, respectivamente, à alimentação e à vestimenta, o pau se refere ao castigo. E, neste caso, “prouvera a Deus que tão abundante fosse o comer e o vestir como muitas vezes é o castigo, dado por qualquer causa pouco provada, ou levantada; e com instrumentos de muito rigor [...]” (ANTONIL, 1976, p. 91).

Silvia Hunold Lara apresenta alguns dos instrumentos de tortura utilizados na aplicação de um sistema disciplinador que tinha como consequência a dor física e o sofrimento moral do supliciado.

Para prender o escravo, usavam-se correntes de ferro, gargalheiras gorilhas ou golilhas (que se prendiam ao pescoço), algemas, machos e peias (para os pés e mãos), além do tronco (um pedaço de madeira dividido em duas metades com buracos para a cabeça, pés e mãos) e o viramundo (espécie de tronco, de tamanho menor, de ferro). A máscara de folha de flandres era usada para impedir o escravo de comer cana, rapadura, terra ou mesmo engolir pepitas e pedras. Os anjinhos (anéis de ferro que comprimiam os polegares) eram usados muitas vezes para se obter confissões. Nas surras, usava-se o bacalhau (chicote de cabo curto, de couro ou madeira com cinco pontas de couro retorcido) ou palmatória. Ferros quentes, com as iniciais do senhor, ou com a letra F para os que fugiam, também eram utilizados, assim como libambos (argola de ferro, presa ao pescoço da qual saía uma haste longa, também de ferro, dirigida para cima e ultrapassando a cabeça do escravo, com chocalhos ou sem eles nas pontas), e até mesmo placas de ferro com inscrições. (LARA, 1988, pp. 73-74)

É importante afirmar que, imersos neste contexto, os africanos não se acomodaram à condição da cativos. Fugas, rebeliões, assassinatos de senhores e feitores, feitiços ou até mesmo a medida extrema do suicídio, foram algumas das atitudes tomadas pelos escravizados contra a sua condição.

João José Reis e Eduardo Silva afirmam que “no Brasil como em outras partes, os escravos negociaram mais do que lutaram abertamente contra o sistema” (REIS, 2009, p.

14). Os cativos reivindicavam melhores condições de trabalho, um tratamento mais adequado por parte dos feitores e o direito de folgarem. O medo de uma possível sabotagem ou de ter as engrenagens da moenda quebradas propositalmente pelos cativos levava os senhores a atender suas reivindicações.

Outra medida que os cativos recorriam na busca da liberdade era a alforria. O cativo poderia ser alforriado após a morte do seu senhor. Escravizados idosos e doentes também eram alforriados, já que estes eram vistos pelo senhor como um “peso morto” improdutivo que traria despesas. Mas, por outro lado, os cativos também poderiam comprar a própria alforria (KARASCH, 2000, pp. 460-464).

Dentre as diferentes formas de resistência do negro à escravidão, o quilombo se tornou “o mais efetivo meio de se opor” a este sistema (FUNARI, 2011, p. 28).

Movimento caracterizado pela formação de grupos de cativos fugitivos que constituíam os quilombos, a quilombagem teve início no século XVI, perdurando durante todo o tempo de existência do sistema escravista no Brasil. O próprio nome, “quilombo”, tem origem banto e significa ajuntamento de escravizados fugidos (MOURA, 2013, pp. 334-335).

O Brasil de Darwin

Para tratar da viagem de Charles Darwin a bordo do *Beagle* e de sua passagem pelo Brasil, é necessário, primeiramente, fazer uma breve narrativa dos seus anos de formação. Quem foram as pessoas que o influenciaram? Que fatores o estimularam a viajar como naturalista ao redor do mundo? Qual foi o legado deixado por sua família? Em que contexto histórico estava inserido?

Eu sua *Autobiografia*, escrita em 1876, Darwin lembra que em seus primeiros anos de estudante primário, ele conheceu um menino que tinha um exemplar da obra *Maravilhas do mundo*, com quem pegava emprestado e lia frequentemente. Segundo ele, tal livro lhe despertou o desejo de viajar por países distantes. Desejo esse que foi realizado a bordo do *Beagle* (DARWIN, 2000, pp. 37-38).

É importante também destacar que Charles Darwin não foi o primeiro a escrever uma teoria sobre a evolução biológica. Antes dele, o seu avô paterno, Erasmus Darwin e o naturalista francês Jean-Baptiste Lamarck escreveram sobre o tema.

Charles Darwin teve o primeiro contato com as teorias evolutivas de Lamarck na década de 1820, quando estudou em Edimburgo. No entanto, o mais espantoso é o fato de tais ideias – de seu avô e as de Lamarck – não terem lhe produzido nenhum efeito ou interesse (DARWIN, 2000, p. 42).

Erasmus era amigo íntimo de Josiah Wedgwood, fundador de uma famosa fábrica de cerâmica e futuro avô materno de Charles Darwin. Os dois amigos tiveram grande papel ajudando a promover a Revolução Industrial da Inglaterra no século XVIII. Ambos acreditavam nas novas “maravilhas mecânicas” e na “salvação tecnológica”. Josiah era um dos industriais que constituía a elite em ascensão do círculo empresarial de Birmingham, centro da nova cultura industrial (DESMOND; MOORE, 2001, pp. 26-27).

Erasmus acreditava que a reprodução sexual era a chave do sucesso evolutivo das espécies. Ele exerceu esta crença na prática, ao gerar uma dúzia de filhos com duas esposas diferentes – Mary Howard, que morreu embriagada em 1770, aos 31 anos e a viúva, Elizabeth Pole – e mais duas filhas com Parker de Liechfield. Seu filho mais velho, Charles, do casamento com Mary Howard, foi estudar medicina na Universidade de Edimburgo, mas morreu em 1778 de septicemia, com apenas 19 anos de idade, ao cortar o dedo quando dissecava o cérebro de uma criança durante uma autópsia. Seu segundo filho seguiu a carreira em Direito - cometeu suicídio, em 29 de dezembro de 1799, se jogando num rio nos fundos do seu jardim -, enquanto, que o terceiro filho, Robert Darwin, foi enviado, contra a vontade, para Edimburgo com o propósito de seguir a carreira médica e ao mesmo tempo, substituir o falecido irmão mais velho (BROWNE, 2011, pp. 76-78).

Robert Darwin casou-se com Susannah, filha de Joseiah Wedgwood, em abril de 1796, um ano depois de sua morte. O casal teve seis filhos: Mariane, Caroline, Susan e Erasmus – em memória do falecido avô -, respectivamente. Em 12 de fevereiro de 1809, aos 44 anos, Susanna deu à luz a um segundo menino, que foi chamado de Charles Robert Darwin em memória do tio morto, Charles e do pai, Robert. Um ano após o nascimento de Darwin, nasce Catherine, a última criança na família (DESMOND; MOORE, 2001, pp. 31-33).

Charles Darwin coletava e colecionava conchas, insetos, ovos de aves, rochas, além de adquirir uma grande paixão pelas plantas. Por volta dos quinze anos de idade, aprendeu a atirar, colocando tal habilidade com a espingarda a serviço da ciência, na coleta de espécimes abatidas (STEFOFF, 2007, pp. 18-19). Charles escreve sobre o seu encanto pela história natural ao entrar, em 1818, para um externato em Shrewsbury:

Quando fui para esse externato, meu gosto pela história natural e, mais especialmente, por colecionar espécimes estava bem desenvolvido. Eu tentava descobrir os nomes das plantas e colecionava toda sorte de coisas: conchas, lacres, selos, moedas e minerais. Minha paixão por colecionar – que pode levar um homem a se tornar um naturalista sistemático, um virtuoso ou um avaro – era forte e claramente inata, já que nenhuma de minhas irmãs nem meu irmão jamais tiveram essa preferência. (DARWIN, 2000, pp. 18-19)

A morte de Susanna em 1817, aos 52 anos, teve um profundo impacto na família. Charles tem poucas recordações sobre a morte da mãe. Não lhe foi permitido entrar no quarto de Susanna durante o período em que se encontrava enferma e acamada, sendo chamado apenas para vê-la após a morte (BROWNE, 2011, p. 51).

Minha mãe morreu em julho de 1817, quando eu tinha pouco mais de oito anos. É estranho que eu mal consiga lembrar de alguma coisa sobre ela, exceto de seu leito de morte, seu vestido longo de veludo negro e sua curiosa mesinha de trabalho. Creio que meu esquecimento se deve, em parte, ao fato de que minhas irmãs, por sua enorme tristeza, nunca conseguiam falar nela ou mencionar seu nome, e, em parte, ao fato de que minha mãe esteve inválida durante um período que antecedeu sua morte. (DARWIN, 2000, p. 18)

Embora o pai de Charles Darwin fosse conhecido por sua gentileza e seus tranquilizantes conselhos entre seus pacientes, em casa apresentava uma rudeza que se tornou mais aparente após a morte de Susanna (DESMOND; MOORE, 2001, p. 34).

Em 1818, aos nove anos, Charles entrou para o externato da Shrewsbury School, cujo diretor era Samuel Butler. Além de separá-lo do acolhedor ambiente familiar, a escola era desagradável em si. A matéria que mais lhe interessava, história natural, era deixada de lado em favor das línguas clássicas, história, geografia e literatura, consideradas essenciais à formação da aristocracia local. Charles sentiu-se infeliz neste ambiente escolar (BROWNE, 2011, p. 55).

Nada poderia ter sido pior para o desenvolvimento da minha mente do que a escola do dr. Butler, estritamente clássica. Lecionava-se ali apenas um pouco de geografia e história antigas. Para mim, a escola, como meio de educação, era nula. Durante toda a minha vida, fui singularmente incapaz de dominar qualquer língua. Prestava-se uma atenção especial à composição de versos, o que nunca consegui fazer direito. Eu tinha muitos amigos e juntei uma coleção de versos antigos, os quais devidamente emendados, às vezes com a ajuda de outros meninos, eu conseguia fazer com que servissem para qualquer assunto. Dava-se muita atenção a que as lições da véspera fossem aprendidas de cor; eu conseguia fazer isso com grande facilidade, decorando quarenta ou cinquenta versos de Virgílio ou Homero enquanto assistia ao ofício religioso matutino na capela; mas era um exercício inútil, pois esquecia todos os versos em 48 horas. Eu não era preguiçoso e, com exceção da versificação, em geral trabalhava escrupulosamente nos meus clássicos, sem recorrer à cola. (DARWIN, 2000, p. 23)

No entanto, Charles não conseguiu escapar da crítica severa do pai. Por acreditar que o filho não se destacava nos estudos, passando a maior parte do tempo envolvido com caçadas e o gosto pela história natural, Robert Darwin jogou-lhe toda a sua frustração:

Quando saí da escola, não estava adiantado nem atrasado para minha idade; creio que era considerado por todos os professores e por meu pai um menino nada excepcional, abaixo do padrão intelectual médio. Fiquei mortificado certa vez, quando meu pai me disse: “Você só dá importância à caça, aos cães e à captura de ratos, e será uma vergonha para si mesmo e para toda a sua família.” Ele foi injusto ao usar essas palavras. Devia estar zangado. Foi o homem mais bondoso que conheci em toda a minha vida, e prezo sua memória. (DARWIN, 2000, p. 24)

Robert tirou Charles do externato de Shrewsbury e o enviou, aos dezesseis anos, para a faculdade de medicina da Universidade de Edimburgo, na Escócia. No segundo ano da faculdade de medicina, Charles começou a desconfiar que talvez nunca se tornaria médico. Durante um processo cirúrgico realizado em uma criança, Charles fugiu da sala de cirurgia, incapaz de assistir e determinado a não retornar.

Em duas ocasiões, também compareci à sala de cirurgia do hospital de Edimburgo e assisti a duas operações muito sérias, uma delas em uma criança, mas saí às pressas antes que terminassem. Nunca mais voltei, pois dificilmente haveria algum incentivo forte o bastante para me levar a fazê-lo, já que isso aconteceu muito antes dos abençoados tempos do clorofórmio. Esses dois casos me voltaram à lembrança, de forma perturbadora, durante alguns anos. (DARWIN, 2000, p. 41)

Em Edimburgo, Darwin mais uma vez dedicou grande parte de seu tempo e energia à história natural, filiando-se em 1826 à Sociedade Pliniana, um clube para homens amantes da história natural. O dr. Robert Darwin percebeu que o filho não desejava seguir o ofício de médico. A igreja seria a nova tentativa para encontrar alguma função para Charles na sociedade (STEFOFF, 2007, p. 25 e 33).

Depois de eu haver passado dois períodos letivos em Edimburgo, meu pai percebeu, ou soube por minhas irmãs, que eu não gostava da ideia de ser médico. Propôs então que eu me tornasse pastor. Opunha-se com veemência a que eu me transformasse em um desportista ocioso, o que parecia ser meu destino provável. Pedi tempo. Pelo pouco que sabia do assunto e havia pensado nele, tinha escrúpulos em declarar minha crença em todos os dogmas da Igreja da Inglaterra. Afora isso, agradava-me a ideia de ser pastor no interior. [...] como naquela época, eu não tinha nenhuma dúvida sobre a verdade rigorosa e literal de cada palavra da Bíblia, logo me convenci de que nossa religião devia ser plenamente aceita. (DARWIN, 2000, pp. 48-49)

Charles Darwin acreditava que a vida de um clérigo rural oferecia muitas horas de folga durante as quais ele poderia dedicar-se à história natural. E assim ele foi matriculado no Christ's College, em Cambridge, onde conheceu o professor de botânica John Stevens

Henslow. Os dois passavam tanto tempo caminhando juntos que Darwin acabou recebendo o apelido de “o homem que anda com Henslow” (STEFFOFF, 2007, p. 35).

Nenhum outro homem teve tamanha influência em Darwin nem exerceu um papel tão importante em sua carreira, como ele mesmo afirma:

Ainda não mencionei uma circunstância que influenciou toda a minha carreira, mais do que qualquer outra. Trata-se de minha amizade com o professor Henslow. Antes de chegar a Cambridge, eu ouvira meu irmão falar dele como um homem que conhecia todos os ramos da ciência. Portanto, eu estava preparado para reverenciá-lo. Ele abria sua casa às visitas uma vez por semana e lá costumavam reunir-se, à noite, estudantes de graduação e vários membros mais velhos da universidade que estavam ligados à ciência. [...] Na segunda metade de meu período em Cambridge, fazia longas caminhadas com ele quase todos os dias, de modo que era chamado por alguns docentes de “o rapaz que passeia com Henslow”; à noite, era muito frequente eu ser convidado a jantar com sua família. Era enorme seu conhecimento em botânica, entomologia, química, mineralogia e geologia. (DARWIN, 2000, p. 55)

E foi justamente uma carta que Darwin recebeu de Henslow em 29 de agosto de 1831 a responsável por mudar os rumos de sua vida.

A carta de Henslow apresentava a proposta de viajar pelo mundo em um navio da Marinha britânica, o *Beagle*. O seu capitão, Robert FitzRoy, de apenas 26 anos, queria um “cavalheiro” bem-educado para o acompanhar na longa viagem, na condição de naturalista. Era a chance que Darwin não poderia de forma alguma desperdiçar. Tudo o que tinha que fazer era convencer o pai:

[...] fiquei ansioso por aceitar a oferta. Meu pai se opôs a ela com firmeza, acrescentando, porém, palavras que me deram esperança: “Se você conseguir encontrar algum homem de bom senso que o aconselhe a viajar, eu lhe darei meu consentimento.” Escrevi uma carta naquela noite, recusando a oferta. (DARWIN, 2000, pp. 61-62)

Mas felizmente, para a alegria de Darwin, o seu tio Josiah Wedgwood II, conseguiu convencer o dr. Robert, ao afirmar que a viagem seria bastante proveitosa para o sobrinho.

Embora tenha obtido o consentimento do pai, Darwin também correu o risco de ser rejeitado por FitzRoy por causa do formato de seu nariz. O capitão acreditava que podia julgar o caráter de um homem pelas suas feições; e duvidava que alguém com o nariz de Darwin pudesse ter disposição e determinação suficientes para a viagem. Mas, no fim das contas, Darwin acabou subindo a bordo do *Beagle* (DARWIN, 2000, p. 62).

O *Beagle* parte de Plymouth no dia 27 de dezembro de 1831, com o principal objetivo de um levantamento geográfico e hidrográfico da Terra do Fogo e da costa sul da

América do Sul, além de traçar o curso completo de uma circum-navegação por cronômetros marítimos (BROWNE, 2011, p. 256).

No dia 28 de fevereiro de 1832 o Beagle chega ao Brasil, mais especificamente, na Bahia (Salvador).

Cerca de nove horas estávamos perto da costa do Brasil. Vimos uma bela porção dela. Toda a linha é consideravelmente baixa e irregular e, graças à profusão de madeira e de folhagem, de uma cor verde brilhante. Cerca de onze horas entramos na baía de Todos os Santos, em cujo lado Norte situa-se a cidade da Bahia ou São Salvador. [...] A cidade fica bem aninhada em uma floresta luxuriosa e, situada em uma margem íngreme, observa as águas calmas da grande baía de Todos os Santos. As casas são brancas e altas e, pelo fato de serem estreitas e longas as janelas, têm uma aparência muito leve e elegante. Conventos, pórticos e edifícios públicos variam a uniformidade das casas. Grandes navios, esparsos, povoam a baía. Em resumo, a vista é uma das mais belas dos Brasis. Mas suas belezas valem nada se comparadas à vegetação. [...] O deleite que se experimenta em momentos como esse confunde a mente: se o olho tenta seguir o voo de uma colorida borboleta, ele é detido por uma árvore ou um fruto estranho; se observando um inseto, pode-se esquecê-lo na estranha flor sobre a qual caminha; se estiver se voltando para admirar o esplendor do cenário, o caráter individual do primeiro plano toma a atenção. A mente é um caos de deleite, do qual um mundo de futuros e mais calmos prazeres surgirá. (DARWIN, 2008, pp. 56-57)

Darwin apaixonou-se pela paisagem natural do Brasil. Nos escritos do seu diário é possível perceber o seu tributo à exuberância da vegetação nos ecossistemas brasileiro por ele visitado.

O dia se passou deleitosamente; deleite é, no entanto, um termo fraco para tais transportes de prazer. Tenho caminhado sozinho pela floresta brasileira; entre a multidão, é difícil de dizer que conjunto de objetos é mais impressionante: a exuberância geral da vegetação inclui a vitória, a elegância das gramíneas, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flores... O verde lustroso das folhagens, tudo tende àquele fim. Uma mistura das mais paradoxais de sons e silêncio domina as partes menos ensolaradas da floresta. O barulho dos insetos é tão alto que à noite pode-se fazer ouvir mesmo em embarcação ancorada a centenas de jardas da praia. E, no entanto, dentro dos recessos da floresta, quando imersos nele, uma paz universal nos parece prevalente. Para uma pessoa com inclinação para a história natural, um dia como este traz um tipo de prazer mais agudo do que ela jamais poderá voltar a sentir. [...] O cenário brasileiro não é mais nem menos que uma visão das Mil e uma Noites, com a vantagem da realidade. O ar é deliciosamente fresco e suave, com a plenitude do prazer, deseja-se ferventemente viver recolhido neste mundo novo e mais grandioso. (DARWIN, 2008, pp. 57-59)

Quando o Beagle chegou na Bahia, os brasileiros preparavam-se para o carnaval. Darwin deixa o seu comentário sobre um dos costumes desta festa, que era o chamado “entrudo”. A data era 4 de março de 1832.

Este é o primeiro dia de carnaval, mas Wickham, Sullivan e eu, nada destemidos, estávamos determinados a encarar seus perigos. Esses perigos consistem em ser alvejado sem misericórdia por bolas de cera cheias de água e sair encharcado por grandes seringas de lata. Achamos muito difícil manter nossa dignidade enquanto caminhávamos pelas ruas. (DARWIN, 2008, pp. 60)

O entrudo era uma antiga manifestação festiva de carnaval, onde toda a população – desde os escravizados e negras libertas, incluindo as casas de pessoas mais ricas e o próprio imperador D. Pedro II – participava. Durante a festa, costumava-se sair às ruas em grupos, contendo seringas, bisnagas e bolas de cera cheias de água, que eram jogadas nas pessoas (ABREU, 2008, p. 229).

Logo que desembarcou na Bahia, Darwin se deu conta de que o Brasil era um país que ainda abrigava uma sociedade inteiramente escravista.

Todo o trabalho pesado é executado pelos pretos, que ficam reunidos em grandes grupos em torno dos depósitos dos mercadores. As discussões que surgem a respeito da quantidade de serviço distribuída a cada um são muito animadas; os negros usam o tempo todo muita gesticulação e grande clamor e, quando cambaleiam sob seus fardos, marcam o tempo e se animam com uma rude canção. (DARWIN, 2008, pp. 59-60)

Foi também na Bahia que se deu a primeira briga entre Darwin e FitzRoy. O motivo era as diferenças de opinião que ambos tinham sobre a escravidão. Enquanto, que FitzRoy defendia e elogiava o sistema escravista, Darwin mostrava-se horrorizado e enfurecido com a real situação de seres humanos viverem na condição de cativos. Em seu diário, Darwin relata o argumento do capitão Paget, do HMS Samarang, de que os escravizados eram muito bem tratados pelos seus senhores no Brasil, e por isso, não se importavam em permanecer na condição de cativos.

O capitão Paget nos fez inúmeras visitas e é sempre muito divertido; ele mencionou em presença de pessoas que teriam, caso pudessem, contradito suas informações, alguns fatos sobre a escravidão tão revoltantes que, houvesse eu lido a respeito deles na Inglaterra, eu os teria atribuído ao zelo crédulo de gente bem intencionada. A extensão do

comércio realizado; a ferocidade com que é defendido; as respeitáveis (!) pessoas que estão envolvidas nele passam longe de ser exageradas no que lemos. Não tenho dúvidas de que a atual situação da maioria absoluta da população escrava é muito mais feliz do que estaríamos previamente inclinados a crer. O interesse e qualquer bom sentimento que pudesse ter o proprietário acabariam por levar a isso. Mas é totalmente falso (como satisfatoriamente provou o capitão Paget) que nem um deles, mesmo entre os mais bem tratados, quer retornar a seus países. “Se apenas eu pudesse ver meu pai e minhas duas irmãs mais uma vez já ficaria feliz. Nunca consegui esquecê-los”. Tal foi a expressão de um dos dessa gente, que é considerada pelos selvagens refinados da Inglaterra como mal sendo sua irmã, mesmo diante dos olhos de Deus. Graças a exemplos que contemplei de pessoas tão cega e obstinadamente preconceituosas, que em outros assuntos eu ouviria, neste eu jamais voltarei a me recusar totalmente a crer: por tudo que eu tenha podido testemunhar, todo indivíduo que tem a glória de se ter esforçado contra o tema da escravidão pode confiar serem dirigidos seus esforços contra desgraças maiores até do que imagina. (DARWIN, 2008, pp. 61-62)

É correto afirmar que, apesar de considerar os negros inferiores, Darwin não tolerava a escravidão (DESMOND; MOORE, 2001, p. 21). Darwin nasceu em uma família na qual ambos os avôs desempenharam papéis de destaque nos movimentos abolicionistas na Inglaterra do final do século XVIII (KEYNES, 2004, p. 84).

Em março de 1783, a audiência de um julgamento em um tribunal de Londres deixou todos os presentes horrorizados. O motivo: mais de um ano antes, 133 negros a bordo do navio negreiro inglês, o Zong sob o comando do capitão Luke Collingwood, foram lançados vivos ao mar. Poucos meses depois, os proprietários do Zong entraram na justiça em busca de indenização pelos cativos mortos, e a seguradora recorreu. Em resumo, o julgamento não se tratava do homicídio de seres humanos jogados vivos ao mar para morrer, mas sim, de um litígio de indenização civil. Indignado, o músico Granville Sharp escreveu vários panfletos e espalhou a notícia. Clérigos proeminentes mencionaram o caso em seus sermões e os quakers britânicos formaram um comitê de seis pessoas para protestar contra a escravidão e o tráfico de seres humanos (HOCHSCHILD, 2007, pp. 106-110).

Em maio de 1787, na tipografia de James Phillips, situada na George Yard, no bairro financeiro de Londres, foi formado um comitê para lutar pelas causas abolicionistas. O comitê era formado por doze homens: nove quakers, incluindo James Phillips, além do americano William Dillwyn – negociante quaker da Pensilvânia –, e três anglicanos, entre eles Thomas Clarkson e Granville Sharp, que, como o mais antigo e respeitável líder político dos esforços antiescravocratas, era o presidente de honra. Posteriormente o comitê mudou para uma sala no número 18 da Old Jewry Street, situada no centro da cidade de Londres (HOCHSCHILD, 2007, p. 126 e 140).

Os membros do comitê se depararam com a seguinte questão: lutariam somente pelo fim do tráfico de escravizados ou pela abolição? Granville Sharp era a favor de reivindicar a abolição. No entanto, a opinião em favor do fim do tráfico de escravizados prevaleceu, pois, a imediata libertação de todos os cativos não parecia tão simples, por interferir no direito de propriedade dos colonos. Mas, promover o fim do tráfico de escravizados também exigia mudar a mente da sociedade da Grã-Bretanha, do continente europeu e dos Estados Unidos. O avô materno de Darwin, Josiah Wedgwood, tornou-se membro do comitê, e com a sua forte aptidão para a publicidade e para o marketing, pediu a um de seus artesãos que criasse um logotipo para ilustrar o lacre usado para fechar envelopes. O logotipo trazia o desenho de um africano ajoelhado e acorrentado, cujas mãos pareciam suplicar, envolvido pelas palavras: “Não sou um homem e um irmão?”. Reproduzido por toda a parte – em abotoaduras, broches, medalhões, braceletes ou ornamentos para prender os cabelos das damas que queriam mostrar seus sentimentos antiescravocratas – o logotipo de Wedgwood tornou-se o símbolo de uma causa política (HOCHSCHILD, 2007, pp. 143-144; 165-167).

Também inserido neste contexto, Erasmus Darwin ficou estarelecido com a chacina de negros ocorrida no navio negreiro Zong. Quando o comitê antiescravista começou a se organizar, Erasmus “emprestou – lhes sua pena devastadora”, servindo à causa abolicionista com a escrita de poemas que traziam a dura realidade do negro cativo (DESMOND; MOORE, 2009, p. 25). O comitê passou a se chamar “Sociedade pela Efetivação da Abolição do Tráfico de Escravos” e continuou trabalhando e buscando maneiras de mexer com a opinião da sociedade sobre o comércio de africanos sequestrados em seus países de origem, para trabalharem como cativos até a morte.

Com a ajuda de James Phillips e de outros membros do comitê, Thomas Clarkson refez e ampliou um diagrama de um navio negreiro, o Brookes, propriedade de uma família de Liverpool de mesmo nome, que transportava africanos escravizados da Costa do Ouro para a Jamaica. O diagrama foi publicado em jornais, revistas, livros, panfletos e foram pregados nas paredes de casas e pubs em todo o país (HOCHSCHILD, 2007, p. 201).

Graças ao trabalho do comitê, o tráfico foi proibido nos domínios britânicos em 1807, dois anos antes do nascimento de Charles Darwin. Apesar do comprometimento de seus avôs com a causa abolicionista e de sua aversão pelo sistema escravocrata, Darwin não era um ativista. Segundo Desmond; Moore (DESMOND; MOORE, 2009, p. 111), ele tão somente aceitou a sua herança ideológica.

No dia 18 de março, o Beagle zarpu da Bahia rumo ao Rio de Janeiro, chegando na tarde de 4 de abril.

Estando os ventos muito fracos nós não passamos sob o Pão-de-Açúcar até depois do jantar. Nossa lenta navegação foi animada pela mutável vista das montanhas; por vezes envolvidos por nuvens brancas, por vezes iluminados pelo sol os selvagens picos péticos apresentavam novas cenas. Quando dentro do porto, a luz não estava boa, mas, como uma boa pintura, a vista desta tarde preparou a mente para o prazer da manhã. Em gloriosíssimo estilo o pequeno Beagle adentrou o porto e baixou suas velas juntamente com sua bandeira [...] Eu não queria a reminiscência flutuante de uma ambição ora recompensada, não queria que a real magnificência da vista provocasse intensa alegria em meu peito; mas, unido a isso, poucos podem imaginar, e ainda menor será o número dos que poderão esquecer, o duradouro e impressionante efeito. (DARWIN, 2008, p. 68)

No Rio de Janeiro, Darwin percorreu a região em companhia do artista do Beagle, Augustus Earle, que lhe serviu de guia por já ter visitado o Rio anteriormente, como artista itinerante. Earle era fascinado pelo Morro do Corcovado e acompanhou Darwin em uma escalada até o topo (TAYLOR, 2009, p. 99).

Impaciente com a burocracia e o tempo perdido para se obter permissão e passaportes para uma expedição ao interior do Brasil, Darwin faz uma descrição nem um pouco elogiosa dos brasileiros:

Nunca é muito agradável submeter-se à insolência de homens de escritório, mas aos brasileiros, que são tão desprezíveis mentalmente quanto são miseráveis suas pessoas, é quase intolerável. Contudo a perspectiva de florestas selvagens zeladas por lindas aves, macacos e preguiças, lagos, roedores e aligátores fará um naturalista lambem o pó até da sola dos pés de um brasileiro. (DARWIN, 2008, p. 69)

Verdadeiramente, Darwin estava fascinado pela exuberância da floresta tropical brasileira. Era um cenário que ele conhecia apenas dos relatos de Alexander von Humboldt e das obras de artistas, como Rugendas, mas cuja experiência pessoal superou todas as expectativas.

[...] o dia estava intensamente quente e, no que passávamos pela floresta, tudo estava calmo, com a exceção das grandes e brilhantes borboletas, que preguiçosamente pairavam. O cenário visto quando cruzávamos os morros para além de Praia Grande é sublime e pitoresco. As cores eram fortes e o tom predominante, um azul escuro; o céu e as calmas águas da baía disputavam em esplendor. Depois de passarmos por algum terreno cultivado entramos em uma floresta, que, na grandiosidade de todas suas partes, não podia ser superada. No que os raios do sol penetravam a massa emaranhada, forçosamente me vinham à mente as duas gravuras francesas dos desenhos de Maurice

Rugendas e Le Compte de Clavac. Nelas está bem representado o número de lianas e de plantas parasitas e o contraste das árvores em flor com os troncos mortos e podres. Eu estava completamente perdido, incapaz de admirar o suficiente essa cena. (DARWIN, 2008, p. 70)

A floresta tropical constituía uma verdadeira mina de tesouros que esperavam ser encontrados pelos naturalistas e catalogados pelos taxonomistas.

Mas nem tudo era perfeito nas terras brasileiras. Earle narrava a Darwin as barbaridades e injustiças que os escravizados sofriam nas mãos de cidadãos considerados pela sociedade como cavalheiros civilizados. Em Botafogo, Earle contou que a mulher que morava em frente possuía um parafuso para esmagar os dedos de suas cativas, e disse ter visto o pedaço de um dedo na mão de uma menina. Ele também contou que os capitães-domato quando capturavam “escravos fujões”, decepavam suas orelhas para comprovar a morte. Tais histórias só contribuíam para deixar Darwin cada vez mais indignado (BROWNE, 2011, pp. 297-298).

No dia 8 de abril de 1832, ao passar por Itaocaia, região localizada na Serra da Tiririca, na divisa entre os municípios de Niterói e Maricá, Darwin testemunhou uma terrível cena que poderia facilmente ser utilizada como forte argumento para rebater a afirmação do capitão FitzRoy de que a escravidão era algo tolerável: o suicídio de uma cativa fugida.

Chegamos por volta de meio dia em Itaocaia; esse pequeno vilarejo fica numa planície, e, em volta da casa central, estão as choupanas dos negros. Essas, por suas formas regulares e posição, fizeram-me lembrar os desenhos das habitações dos hotentotes no sul da África. Como a lua surgiu cedo, decidimos partir naquela mesma tarde para a Lagoa de Maricá, onde pernoitaríamos. À medida que foi escurecendo, passamos sob um daqueles enormes morros de granito, íngremes e nus, tão comuns neste país. Este lugar é famoso por ter sido, durante muito tempo, a morada de alguns escravos fugidos que conseguiram tirar sua subsistência do cultivo de um pequeno pedaço de terra perto do topo. Finalmente descobertos, foram todos capturados por um grupo de soldados, com exceção de uma velha que, recusando-se a voltar a ser escrava, preferiu atirar-se do alto da montanha, despedaçando-se contra as pedras da base. Numa matrona romana, isso teria sido chamado de um nobre sentimento de liberdade, mas, numa pobre negra, é apenas uma brutal obstinação. (DARWIN, 1996, p. 14)

Como já afirmamos aqui, Darwin também considerava os africanos como sendo inferiores ao europeu. Mas para ele, isso não era justificativa para que tais povos fossem escravizados e utilizados como animais de carga.

Frequentemente se usa na argumentação a favor da escravidão a comparação com os nossos mais pobres compatriotas: se a miséria dos nossos pobres fosse causada não pelas leis da natureza, mas por nossas instituições, grande seria o nosso pecado, mas não posso ver como isto se relaciona com a escravidão, como também não vejo como é possível defender a prática do esmagamento de dedos em uma terra, como se isso fosse paralelo às mazelas representadas por doenças horríveis que afligem os homens de outras terras. Os que possuem um olhar benevolente para os senhores e um olhar frio para os escravos nunca se viram na posição dos últimos. Que perspectiva desanimadora, desprovida de qualquer esperança de mudança! Imagine a probabilidade, sempre pairando sobre você, de sua esposa e seus pequenos filhos – coisas que pelo comando da natureza até mesmo os escravos clamam possuir – sendo separados de você e vendidos como animais ao primeiro comprador! Esses atos são praticados e mitigados por homens que professam amar o próximo como a si mesmos, acreditar em Deus e rezar para que Sua vontade seja feita na terra! Faz o sangue ferver e o coração palpitar pensar que nós ingleses, e nossos descendentes americanos com seu orgulhoso grito de liberdade, foram e são tão culpados em relação a essa hediondez (DARWIN, 2009, pp. 312-313).

No dia em que presenciou o suicídio da cativa fugida, às nove horas da manhã, Darwin havia se juntado a um grupo de cinco homens: um escocês chamado Lawrie e seu amigo Gosling, Patrick Lennon e seu sobrinho, mais o guia, que os conduziu para Itaocaia. Lennon era um irlandês que morava há vinte anos no Rio, onde fez grande fortuna vendendo óculos e termômetros. Há cerca de oito anos havia adquirido um terreno florestal em Macaé (DARWIN, 2008, pp. 69-70).

Em 15 de abril de 1832, Darwin ficou hospedado na propriedade de Lennon, onde presenciou uma situação bastante desagradável: o seu companheiro de aventuras e anfitrião, Patrick Lennon, que se mostrava tão agradável, educado e hospitaleiro ameaçou recolher as esposas dos cativos, juntamente com suas crianças, para vendê-las separadamente em um mercado de escravos na cidade do Rio, após uma violenta briga com seu agente. Em meio às discussões, Lennon também ameaçou vender uma criança mulata em um leilão aberto. Darwin relata em seu diário, a terrível impressão que esta cena lhe causou:

Podem-se imaginar dois exemplos mais horrendos e flagrantes? E, no entanto, eu daria minha palavra de que no que se refere a piedade e bons sentimentos o senhor Lennon está acima do comum dos homens. Quão estranhos e inexplicáveis são os efeitos dos hábitos e interesses! Contra tais fatos, como são fracos os argumentos dos que sustentam que a escravidão é um mal tolerável! (DARWIN, 2008, p. 76)

No dia 28 de maio de 1832, Darwin visitou a região praiana próxima ao Pão-de-Açúcar, onde conseguiu um “vasto número de insetos”. No dia seguinte, pela manhã, tentou mandar um bilhete para a cidade, mas não conseguiu encontrar alguém que se encarregasse desta tarefa. Na interpretação de Darwin, o motivo para tal dificuldade era bem fácil de explicar: “Todos os brancos se consideram acima de uma tarefa como essa e todos os negros por aqui são escravos. Esta, entre outras, é uma grande inconveniência de um país escravagista.” (DARWIN, 2008, p. 87)

No dia 30 de maio, Darwin subiu novamente o Corcovado. O local era conhecido como esconderijo de “escravos fugidos”.

O Corcovado é notório por escravos fugidos, ou quilombolas. Na última vez em que subimos, encontramos três rufiães com aparência de imensa maldade, armados até os dentes. Eram mateiros, ou caçadores de escravos, e recebiam uma determinada quantia por cada homem, vivo ou morto, que viessem a capturar. Neste último caso, eles somente trazem as orelhas. Um escravo, que, depois disso, entregou-se voluntariamente, fugiu da propriedade do senhor Lennon no Macaé e viveu em uma caverna por dois anos e meio, de tão fácil que é nessas regiões um homem se sustentar. Entre outras coisas que dizem os anti-abolicionistas, assevera-se que o escravo liberto não trabalharia. Repetidamente ouço falar de negros fugidos que tiveram a audácia de trabalhar assalariadamente na vizinhança de seus senhores. Se trabalham em casos como este, em que há perigo, seguramente trabalhariam da mesma maneira quando este estivesse ausente. (DARWIN, 2008, p. 87)

Apenas quatro meses e alguns dias vivendo no Brasil, antes de seguir viagem, foi o suficiente para que outra característica bastante comum em nossa nação chamasse a atenção de Darwin: a enorme população de negros circulando pelas ruas. Característica essa, já descrita por outros viajantes europeus que por aqui passaram, antes de Darwin.

O estado da imensa população escrava deve interessar a qualquer um que entre nos Brasis. Passando pelas ruas é curioso observar-se as tribos que podem ser reconhecidas pelos diferentes ornatos entalhados na pele e pelas diversas expressões. Disso resulta a segurança do país. Os escravos têm de se comunicar, entre si, em português e consequentemente não ficam unidos. Não posso deixar de crer que serão eles um dia a dar as cartas. Opino baseado em seu número, em suas belas figuras atléticas (especialmente se contrastadas às dos brasileiros) que provam estarem eles em um clima favorável, e em ter visto com clareza que seus intelectos têm sido muito subestimados: são trabalhadores eficientes em todos os ofícios necessários. Se os negros libertos aumentarem em número (como hão de aumentar) e ficarem descontentes por não serem tratados como iguais pelos brancos, a época da libertação generalizada não estará muito distante. [...] Espero que chegue o

dia em que eles garantam seus próprios direitos e esqueçam-se de vingar o que se lhes fez. (DARWIN, 2008, p. 101)

Após três meses no Rio de Janeiro, um pouco depois das nove horas da manhã do dia 5 de julho, o Beagle ergue âncora e prossegue viagem.

Depois de passar por Montevideú, Buenos Aires e a Patagônia, também conhecida como Terra do Fogo, o Beagle retorna ao Brasil no dia 1º de agosto de 1836. Darwin nota uma certa mudança no cenário onde esteve quatro anos e meio antes:

Ancoramos na baía de Todos os Santos. A primeira impressão da cidade e de seus subúrbios, com as belezas com que nos havíamos deleitado tanto anteriormente, tinha perdido parte de seus encantos. A novidade e a surpresa não estavam mais lá, e talvez nossas lembranças tivessem, no longo intervalo, exagerado as cores do cenário. Existia, no entanto, como depois descobrimos, uma razão mais verdadeira, na perda de algumas das mais belas mangueiras que, durante os últimos levantes dos negros, tinham sido derrubadas. [...] Fiquei contente por descobrir que o prazer que me fornecia o cenário tropical, graças à perda da novidade, não havia diminuído sequer um grau. [...] Toda a superfície é coberta por vários tipos de árvores imponentes, misturadas a trechos de terreno cultivado, no meio dos quais ficam casas, conventos e capelas. Deve-se lembrar que, nas regiões tropicais, a exuberância selvagem da natureza não se perde, mesmo na vizinhança de grandes cidades. A vegetação natural das sebes e dos flancos dos morros sobrepõe em seu efeito pitoresco os esforços do homem. Daí o fato de que em apenas alguns lugares o brilhante solo vermelho gera um forte contraste com a universal roupagem verde da terra. (DARWIN, 2008, pp. 489-490)

O encanto pela beleza natural do Brasil é uma característica que não deixa de ser registrada em seu diário.

Quando se caminha tranquilamente pelas trilhas umbrosas e se admira cada vista que surge, deseja-se encontrar uma linguagem que expresse as ideias que ocorrem: um após o outro, descobre-se que são fracos demais os epítetos que deveriam comunicar àqueles que não tiveram a oportunidade de vivenciar essas sensações um retrato mental fidedigno. Eu já disse que as plantas em uma estufa fracassam em comunicar uma justa ideia da vegetação, e, no entanto, devo voltar a isso: a terra é uma grande, selvagem, desorganizada, exuberante estufa que a natureza fez para sua criação, mas de que o homem tomou posse, decorando-a com parques de diversões e jardins formais. Como seria grande o desejo de todo aquele que admira a natureza de contemplar, se tal coisa fosse possível, um outro planeta; e, no entanto, a uma distância de poucos graus de sua terra natal, pode-se dizer com justiça que as glórias de um outro mundo se abrem para ele. Na última caminhada

que fiz, parei repetidas vezes para olhar para tais belezas e tentei fixar para sempre em minha mente uma impressão que naquele momento eu soube que deveria mais cedo ou mais tarde desaparecer. As formas da laranjeira, os coqueiros, as palmeiras, mangueiras, a bananeira, vão permanecer claras e separadas, mas as mil belezas que as unem formando uma única cena perfeita devem perecer; e, no entanto, hão de viver, como um conto que se ouviu na infância, um retrato pleno de figuras indistintas, mas lindas. (DARWIN, 2008, pp. 490-491)

À tarde do dia 6, o Beagle levanta âncora para seguir viagem, mas o vento desfavorável alterou sua rota e no dia 12 se dirige para Pernambuco, que não causou uma impressão agradável em Darwin.

A cidade, por toda parte, é nojenta; as ruas são estreitas, mal pavimentadas, imundas; as casas muito altas e sombrias. A quantidade de brancos que se pode encontrar nas ruas durante a manhã parece ser proporcional à de estrangeiros em outras nações; todo o restante é negro ou de uma cor pardacenta. Estes últimos, assim como os brasileiros, estão longe de ter aparências atraentes: os pobres dos negros, onde quer que estejam, são animados, falantes e ruidosos. Nada havia na paisagem, no aroma ou nos sons dessa grande cidade que me fornecesse quaisquer impressões agradáveis. [...] Consegui, no entanto, observar que muitas das casas de campo em torno da cidade eram como as da Bahia, de uma aparência alegre que harmonizava bem com a personalidade exuberante da vegetação tropical. (DARWIN, 2008, p. 491)

Segundo Darwin, a coisa mais curiosa que viu em Pernambuco foi o recife de corais que forma o porto (DARWIN, 2008, p. 492).

No dia 17 de agosto, o Beagle deixa a costa brasileira em sua partida rumo à Inglaterra. Apesar de sofrer com o enjoo e o desconforto da embarcação, saber que estava voltando para casa era o consolo que ajudava Darwin a suportar a tediosa e longa viagem de retorno.

De certa forma, o Brasil apresentava dois lados que marcaram Darwin profundamente. Quando se referia ao Brasil, a beleza da fauna e da flora era algo que estava sempre presente nos seus escritos. Por outro lado, a escravidão, presenciada em terras brasileira lhe deixaram recordações bastante traumáticas, a ponto de, ao sair dos mares do Brasil em 19 de agosto, Darwin sentir-se aliviado e esperar nunca mais pôr novamente os pés em um país escravocrata.

No dia 19 de agosto, finalmente deixamos as praias do Brasil. Agradeço a Deus e espero nunca visitar outra vez um país escravocrata. Até hoje,

se ouço um grito longínquo, lembro com dolorosa nitidez do que senti quando passei por uma casa perto de Pernambuco. Ouvi os mais terríveis gemidos e suspeitei que algum pobre escravo estivesse sendo torturado, mas sabia que não havia nada que eu pudesse fazer, senti-me impotente como uma criança. Suspeitei que esses gemidos fossem de um escravo sendo torturado porque me disseram numa situação semelhante, que era isso que se passava. Perto do Rio de Janeiro, morei em frente a uma velha senhora que guardava tarraxas para esmagar os dedos de suas escravas. Fiquei em uma casa onde um jovem mulato era diariamente e a cada hora maltratado, espancado e atormentado, de um modo suficiente para aniquilar o espírito do animal mais miserável. Vi um garotinho de seis ou sete anos de idade ser atingido três vezes na cabeça por um chicote de açoitar cavalos (antes que eu pudesse interferir) simplesmente por ter me alcançado um copo de água que não estava bem limpo. Vi seu pai tremer apenas com um relance do olhar de seu mestre. [...] Vi, no Rio de Janeiro, um negro forte temeroso de se proteger de um golpe direcionado, como ele pensou, a seu rosto. Estive presente quando um homem de bom coração estava prestes a separar para sempre homens, mulheres e crianças de um grande número de famílias que por muito tempo haviam vivido juntas. Nem mesmo aludirei às muitas atrocidades de revoltar a alma que ouvi de fonte segura. Em verdade, nem teria mencionado tais revoltantes detalhes, se não tivesse encontrado tantas pessoas cegas pela alegria de viver associada ao negro, a ponto de falarem da escravidão como um mal tolerável. Tais pessoas normalmente frequentam as casas das classes superiores, onde os escravos domésticos são em geral bem tratados, e não testemunharam, como eu, o que são as condições nas classes mais baixas. (DARWIN, 2009, pp. 311-312)

Analisando os escritos de Darwin em seu diário de viagem no Beagle, é possível perceber claramente a sua indignação ao sistema escravagista.

Durante minha permanência nessa propriedade, por pouco não me tornei testemunha ocular de um daqueles atos de atrocidades que só podem acontecer num país escravocrata. Devido a uma briga e a uma ação judicial, o proprietário estava prestes a tirar todas as mulheres e crianças da companhia dos homens e vendê-las separadamente num leilão público no Rio. O interesse, e não nenhum sentimento de compaixão, foi o que impediu esse ato. De fato, não creio que tivesse sequer ocorrido ao proprietário a ideia da desumanidade de separar trinta famílias que haviam vivido juntas por tantos anos. Contudo posso assegurar que, em matéria de humanidade e bons sentimentos, ele era superior à maioria dos homens. Pode-se dizer que não há limite para a cegueira advinda do interesse e de hábitos egoístas. Posso mencionar

um caso sem nenhuma importância que, na ocasião, impressionou-me mais vividamente do que qualquer história de crueldade. Estava fazendo uma travessia de balsa em companhia de um negro, que era incrivelmente estúpido. Tentando fazer-me entender, comecei a falar alto, a gesticular e, ao fazer isso, passei a mão perto de seu rosto. Ele, suponho, pensou que eu estava com raiva e ia bater nele, pois, imediatamente, com um olhar amedrontado e os olhos semicerrados, baixou os braços. Nunca esquecerei do meu sentimento de surpresa, desgosto e vergonha, ao ver um homem grande e forte com medo até mesmo de desviar-se de um golpe dirigido, como pensou ele, para seu rosto. Esse homem havia sido treinado para suportar uma degradação mais adjeta do que a escravidão do animal mais indefeso. (DARWIN, 1996, pp. 21-22)

Cinco anos depois de ter partido, o Beagle retorna à Inglaterra no domingo, em 2 de outubro de 1836.

Dois anos após o retorno, Darwin casa com sua prima Emma Wedgwood, mudam-se para Londres, e posteriormente para Kent. Ele padeceu de dores estomacais, náusea, dores de cabeça, insônia e gota. Passou o restante de sua vida ocupado com suas pesquisas, leituras e escritos de artigos e livros (WEINER, 1995, pp. 39-40).

Conclusão

“[...] a escravidão representa um grande crime; no entanto só muito recentemente foi encarada sob este prisma, até mesmo nas nações mais civilizadas. A causa disto foi sobretudo o fato de que os escravos pertenciam a uma raça diversa daquela dos seus donos”. (DARWIN, 2002, p. 143)

Vários naturalistas visitaram o Brasil do século XIX e descreveram as maravilhas da floresta tropical. Diferentes espécies da fauna e da flora foram coletadas, catalogadas em seus devidos grupos taxonômicos e classificadas conforme as regras de nomenclatura científica da época. O Brasil era o paraíso dos naturalistas.

A deslumbrante descrição deste encantador paraíso selvagem era um tópico que nunca deixava de estar presente nos relatos desses viajantes naturalistas. Mas dentre eles, somente Charles Darwin expressou no diário de viagem o seu sentimento de indignação com o sistema escravista.

Darwin nunca participou de grupos que defendiam e lutavam pelo abolicionismo, como seus avôs. Portanto, a sua crítica à escravização de seres humanos não se tratava de uma questão de militância ou ativismo, mas sim moral e humanitária.

Para Adrian Desmond e James Moore (DESMOND; MOORE, 2009), as duas obras de Charles Darwin, “*A origem das espécies*” e “*A origem do homem e a seleção sexual*” tinham uma finalidade humanitária, uma “causa sagrada” que não foi entendida/reconhecida. Segundo eles, Darwin faz uso da sua ciência da ancestralidade comum para defender a causa abolicionista. Em sua teoria evolutiva, brancos e negros – assim como todas as demais etnias, todas as espécies – compartilhavam um único ancestral. Todos os seres vivos tinham uma origem comum. Embora os defensores do sistema escravista se recusassem a aceitar, os laços de sangue que uniam o europeu e o africano era resultado de uma ancestralidade comum.

É bem verdade que, a tese central de sua obra afirmava que na “luta pela vida”, a seleção natural era o mecanismo que permitia a sobrevivência dos mais aptos. Tese essa, que foi utilizada de maneira deturpada por seu primo Francis Galton na criação de uma “ciência” conhecida como eugenia, que justificou a dominação dos povos africanos e asiáticos durante o imperialismo europeu, bem como o processo de “branqueamento” da nação brasileira.

Por fim, como já foi mostrado por diversas vezes neste presente artigo, o Brasil de Darwin era “bipolar”. Havia um lado maravilhoso, mas também, um lado cruel e perturbador. Não resta dúvidas de que os encantos das matas brasileiras tiveram uma influência fundamental na produção científica de Darwin. Mas, caso Desmond e Moore estejam certos, todos os exemplos de crueldade praticados contra o negro, presenciados por Darwin no Brasil escravista, também tiveram um peso de grande importância em sua teoria.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Entrudo. In: VAINFAS, Ronaldo (Org). *Dicionário do Brasil Imperial (1822 – 1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Melhoramento, 1976.

BROWNE, Janet. *Charles Darwin viajando*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DARWIN, Charles. *O Beagle na América do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- DARWIN, Charles. *Autobiografia (1809 – 1882)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- Darwin, Charles. *A origem do homem e a seleção sexual*. Curitiba: Hemus, 2002.
- DARWIN, Charles. *O diário do Beagle*. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- DARWIN, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo: Andes, ilhas Galápagos e Austrália*. Rio Grande do Sul: L e PM Editores, 2009.
- DESMOND, Adrian; MOORE, James. *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- DESMOND, Adrian; MOORE, James. *A causa sagrada de Darwin: raça, escravidão e a busca pelas origens da humanidade*. São Paulo: Editora Record, 2009.
- ENDERS, Armelle. *A nova história do Brasil*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.
- EWBANK, Thomas. *Vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- FIABANI, Adelmir. *Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005.
- FREIREYSS, Georg W. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990.
- HOCHSCHILD, Adam. *Enterrem as correntes: profetas e rebeldes na luta pela libertação dos escravos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KEYNES, Richard. *Aventuras e descobertas de Darwin a bordo do Beagle*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- LARA, Silvia Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro (1750-1808)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- LIMA, Valéria. J. -B. *Debret, historiador e pintor: a Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.
- LISBOA, Karen Macknou. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- MACHADO, Maria Helena P. Toledo. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo “degeneracionista”. *Revista USP*, São Paulo, nº75, set./nov.2007, p. 68-75.
- MATTOSO, Kátia. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

- MEILLASSOUX, Claude. *Antropologia da escravidão: o ventre de fero e dinheiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2013.
- PICCOLI, Valéria. A presença dos viajantes europeus. In: AMARAL, Sônia Guarita do (Org.). *O Brasil como Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RUGENDAS, Johann Motitz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1998.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In: SCHWARCZ, Lília Moritz e GOMES, Flávio (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOARES, Luiz Carlos. *O “povo de Cam” na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: Faperj – 7 Letras, 2007.
- STEFOFF, Rebecca. *Charles Darwin: a revolução da evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TAYLOR, James. *A viagem do Beagle: a extraordinária aventura de Darwin a bordo do famoso navio de pesquisa do capitão FitzRoy*. São Paulo: Edusp, 2009.
- VAINFAS, Ronaldo. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822 – 1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *Pano, pau e pão: escravos no Brasil colônia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.
- WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828 – 1829)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
- WEINER, Jonathan. *O bico do tentilhão: uma história da evolução no nosso tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.